



ações  
poéticas  
urbanas

# ações poéticas urbanas



Organização: Emilliano Alves de Freitas Nogueira

CAPU:	Ana Vitória Freitas da Silva Elisa Maria Barros Marques Emilliano Alves de Freitas Nogueira Izabella Abdalla Santos Lucas Italo Silva Ribeiro Maiári Cruz Iasi Thiago Lopes Oliveira Santos Victória Regina Farias Brasileiro
Organização:	Emilliano Alves de Freitas Nogueira
Projeto gráfico:	Emilliano Alves de Freitas Nogueira
Tiragem:	200 cópias
Realização:	Coletivo de Ações Poéticas Urbanas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
GPT/BC/UFG

A185 Ações poéticas urbanas / Organização Emilliano Alves de Freitas Nogueira.  
- Goiânia : Gráfica UFG, 2019.  
33 p. : il.

Realização: Coletivo de Ações Poéticas Urbanas - CAPU;  
Universidade Federal de Goiás - Regional Goiás  
ISBN:978-85-495-0300-8

1. Goiás (GO). 2. Fotografia - Exposições. 3. Catálogos - Goiás (GO).  
I. Nogueira, Emilliano Alves de Freitas. II. Coletivo de Ações Poéticas  
Urbanas. Título.

CDU: 77(817.3)

Bibliotecária responsável: Amanda Cavalcante Perillo CRB1/2870

## Sumário

Apresentação Emilliano Alves de Freitas Nogueira	05
Qual o seu lugar em Goyaz? Ana Vitória Freitas da Silva	08
Duas Cidades Lucas Italo Silva Ribeiro	11
Pode Jogar, tinta fresca Thiago Lopes Oliveira Santos	14
Passeio auditivo Elisa Maria Barros Marques	17
Anti-monumento Maiári Cruz Iasi	21
Tire uma foto com a Cora Isabella Abdalla Santos	23
Borracha Branca Victória Regina Farias Brasileiro	27
Ateliê aberto	30
CAPU - Quem somos?	31



Emiliano Alves de Freitas Nogueira

O CAPU (Coletivo de Ações Poéticas Urbanas) nasceu a partir de encontros que começaram em outubro de 2018 com um grupo de pessoas que participaram da disciplina de Cenografia, oferecida como núcleo livre no primeiro semestre de 2018 na Universidade Federal de Goiás – Regional Goiás. O primeiro trabalho enquanto grupo foi a cenografia e iluminação do Festival de Música da Universidade Estadual de Goiás. A partir daí, surgiu o desejo de pesquisar as relações entre arte, cidade e arquitetura. Entre leituras, sessões de filmes, lanches comunitários e discussões acaloradas, o coletivo embarcou no projeto de pesquisa e extensão *Cidade e dramaturgia visual: ações poéticas urbanas*.

Nas pesquisas realizadas pelo coletivo, buscou-se entender como a apreensão, leitura e transformação do espaço urbano passam também pelo interesse e experiência das pessoas que ali habitam. Talvez por isso, entendendo que intervir na cidade através de ações poéticas é uma possibilidade de refletir e problematizar sobre o lugar onde se vive, decidiu-se investir as forças para pesquisar mais a fundo essas práticas, indo de estudos teóricos a proposições na cidade de Goiás.

O CAPU realizou entre setembro e novembro de 2019 sete ações poéticas urbanas, pensadas a partir do contexto da cidade de Goiás, evidenciando e potencializando os caracteres sociais, culturais, econômicos, físicos e políticos. Essas ações tiveram como propósito discutir as narrativas hegemônicas construídas em torno de Goiás, cidade com o título de Patrimônio da Humanidade, investigando e propondo possibilidades de discussão a respeito da memória, corpos e lugares.

Todo o processo, do estudo à execução, foi registrado em forma de fotos, vídeos, desenhos e textos, apresentados num encontro com a comunidade intitulado *Ateliê Aberto*, e resultando na exposição *Ações Poéticas Urbanas* no Museu das Bandeiras, aberta ao público de 13 de novembro a 15 de dezembro de 2019. A abertura da exposição contou com a palestra Arte urbana e intervenção anarquitectônica com o professor, crítico e curador de arte Guilherme Wisnik. A produção desse catálogo é uma forma de documentar esse projeto composto por ações efêmeras, e como um inventário, permitir reflexões, interpretações e leituras

Para que essas investigações não ficassem restritas ao universo acadêmico, foi preciso contestar a noção limitada da arte que se circunscreve a certas codificações e condutas de seu sistema de produção e valorização que, por vezes, delimita e imacula os papéis de produtores, receptores e obra. Pretendeu-se questionar a realização de práticas coletivas urbanas, e como se dá a configuração dos envolvidos nesse processo, valorizando as relações e privilegiando o acontecimento em determinado tempo e espaço. Desse modo, optou-se por promover oportunidades para relacionar-se com a cidade e seus habitantes, em oposição a obras que tivessem um perfil de acabadas, eternas, findadas em si mesmas e com leituras pré-definidas. Ao invés de respostas, o coletivo elegeu as perguntas, o que resultou em práticas que fugiram do controle de que as produziu.

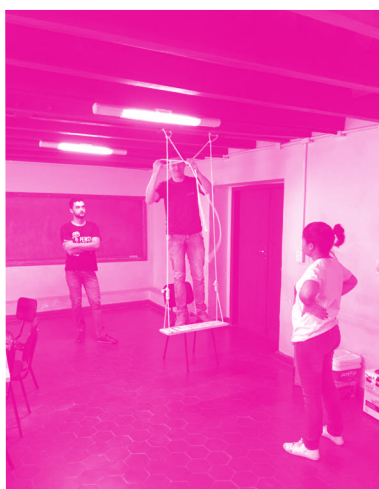
Nesses estudos, foram colocados em discussão as relações entre corpo, cidade e memória, pesquisando instrumentos para novas perspectivas de convivência no espaço urbano, interpretando e experienciando o lugar poeticamente. Esses trabalhos no espaço urbano foram fundamentais para investigar os processos de aprendizado em grupo através de atos de criação artística na cidade, buscando possibilidades transdisciplinares entre arquitetura e urbanismo, artes, antropologia e cultura visual.

Este projeto teve o patrocínio do Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Goiás, uma colaboração de grande importância para a efetivação do mesmo, visto que permitiu o financiamento de parte das atividades, como pagamento de bolsas e montagem da exposição. Essa parceria é uma oportunidade de aproximar as



atividades de formação nos cursos de arquitetura e urbanismo com o CAU-GO, visando uma criação que valorize o fazer na cidade atrelado a práticas coletivas urbanas. É uma possibilidade de promover o pensamento e a vivência na/sobre a cidade, incentivar a produção e difusão do conhecimento e fortalecer o ensino e o exercício profissional na área de arquitetura e urbanismo.

Em tempos onde o ensino universitário público, a pesquisa e as artes vem sofrendo ataques como desmoralização, corte de verbas e até censura, o CAPU coloca-se enquanto resistência ao acreditar que é possível ampliar as possibilidades de produção de sentido através do afeto, diálogo e empatia das pessoas no espaço urbano. Para o coletivo, as práticas urbanas são experiências poéticas fomentadoras de reflexões críticas, levando os estudos acadêmicas para fora dos muros da universidade, estimulando a troca entre sujeitos e cidade. Participando desses acontecimentos públicos e coletivos, busca-se revisitar o papel social de cada um, em uma relação pedagógica e artística a partir da experiência.





# Qual o seu lugar em Goyaz?

Ana Vitória Freitas da Silva

Durante o *Festival de Goyaz*<sup>1</sup>, o CAPU foi convidado a fazer a expografia da exposição *Arte (em) comuns*, realizada no antigo Centro de Atendimento ao Turista de Goiás. Durante o processo de concepção e montagem, percebemos que o grande mapa com pontos turísticos que localizava-se na parede externa do CAT havia sido retirado. Diante disso, começamos a ponderar: quais significados o mapa que estava ali poderia ter para os moradores e visitantes de Goiás?

Os pontos turísticos contam apenas parte da história do lugar, criam um espaço idealizado e tornam a cidade um grande monumento de *marketing* turístico, deixando, assim, outras histórias de lado. A cidade possui diversas vivências que são construídas fora desse espaço monumento e precisam ser contadas; a partir disso, decidimos construir, juntamente com os participantes do festival, um mapa coletivo da cidade, uma forma de contar essas demais narrativas.

A ação foi realizada no dia 05 de setembro de 2019, em que desenhamos as linhas do mapa de Goiás em um enorme cartaz, fixamos onde situava-se o antigo



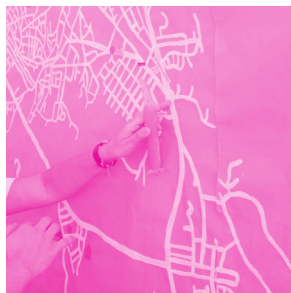


mapa turístico e marcamos apenas o ponto em que ele localizava-se.

Montamos uma mesa, com diversos adesivos, post-it, canetas coloridas, tinta e pincéis, e convidamos todos que passavam por ali para marcar um ponto importante e de valor afetivo para o mesmo.

Com isso, questionamos as pessoas sobre memórias e sentimentos vivenciados pela cidade e, assim, incitamos a marcarem pontos, com palavras, imagens ou desenhos, da melhor forma que pudessem para expressar a história que queriam contar. Diferente de uma mapa com marcações físicas, o que propomos é uma cartografia sensível, construída coletivamente a partir de experiências pessoais, memórias e desejos da população da cidade, trazendo um novo olhar, sensível e pessoal para esse lugar.

E agora, nos diga você: qual o seu lugar em Goiás?



<sup>1</sup>O Festival de Goiás (Festival de Cinema e Ambiente da Cidade de Goiás) ocorreu de 5 a 8 de setembro de 2019.



# Duas cidades

Lucas Italo Silva Ribeiro



A ação poética urbana Duas Cidades foi desenvolvida pelo coletivo ao longo de discussões sobre as relações entre o centro histórico da cidade e os outros bairros que a cidade de Goiás possui. Reconhecido em 2.001 pela UNESCO como Patrimônio Mundial da Humanidade, o centro histórico de Goiás conserva um importante conjunto urbano dos séculos XVIII e XIX. Um dos pontos que contribuiu para conservação deste conjunto foi a estagnação econômica que a cidade viveu após o fim do ciclo do ouro, e que se acentuou depois da transferência da capital para Goiânia.

Apesar da estagnação econômica, e também populacional, surgiram ao longo do tempo novos loteamentos ao redor do centro da cidade. Pensados em épocas distintas, é clara a diferença de desenho e ocupação entre o centro e os bairros mais recentes de Goiás. Grande parte da população da cidade reside nesses novos loteamentos que, com o passar do tempo, também passaram a concentrar uma parte de serviços e dos empregos. Mesmo com essas mudanças o centro histórico, tido como cartão postal da cidade, é o bairro que recebe maior investimento do poder público.

Além disso, a forma com que se deu a ocupação dos bairros na cidade agrava o problema de deslocamentos. Os novos loteamentos empreendidos aconteceram em diferentes regiões de expansão, dificultado pelo ambiente natural da cidade como cursos hídricos e topografia. Isso resultou no espriamento da população dentro do tecido urbano e na baixa densidade por hectare, fatores que aumentam as distâncias entre os lugares e tornam ainda mais difícil o diálogo entre centro e bairros.

Pensando nessas problemáticas, o CAPU demarcou a poligonal de tombamento da UNESCO, que define o centro histórico de Goiás, para refletir sobre essa divisão que, apesar de não existir fisicamente, é sentida no dia a dia de quem vive na cidade. Para isso, foi produzido um mapa com pontos marcando onde essa linha cruzava os espaços públicos para que fosse possível fazer a demarcação e, assim, fechar todo o perímetro tombado. A demarcação foi feita com cal por esse material ser muito presente na cidade, desde nas paredes brancas dos casarões coloniais até na fabricação dos tradicionais doces cristalizados secos ao sol.

A ação foi executada no fim da madrugada do dia 13 de setembro de 2019 e foi realizada com o apoio de dois veículos que iniciaram o trajeto em dois pontos diferentes do mapa e que se encontrariam ao longo do processo. Os integrantes do coletivo, separados em duas equipes e vestidos de roupa preta, fizeram a demarcação com uma linha espessa de cal jogada de calçada a calçada. Além da linha marcando a divisão, foi colado também um adesivo com a frase “Em que cidade você se encaixa?” com a logo do coletivo para instigar as pessoas a pensarem sobre essa barreira invisível dentro da cidade.





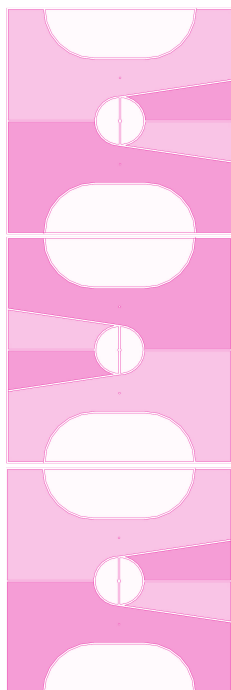
# Pode jogar, tinta fresca

Thiago Lopes Oliveira Santos

O bairro Vila Lions, da Cidade de Goiás, embora esteja muito próximo geograficamente do Centro Histórico, possui grande distância social do mesmo e possui equipamentos públicos de lazer, necessários para uma boa qualidade de vida, abandonados pelo poder público. Entendendo essa dinâmica social, foi que o CAPU se propôs a reativar uma quadra subutilizada dessa vizinhança, localizada ao lado de uma Unidade Básica de Saúde da Família.

A proposta concreta de reativação desse lugar se deu por meio da pintura do piso, trazendo um novo desenho à quadra. Rosa, azul, amarelo e branco se misturam entre linhas e planos geométricos, formando uma malha de diversões. O espaço, outrora triste e cinzento, agora revive colorido sob um céu azul ensolarado e rodeado por um verde novo. Além da pintura, foram montados golzinhos com tubos PVC e uma rede foi produzida à mão, com malha na cor magenta, a fim de tornar a experiência do jogo de futsal mais próxima da realidade, sem deixar de lado o caráter poético sugerido nesta ação.





O intuito dessa reativação não se limita aos usos do espaço da quadra em si, mas vai além de suas barreiras físicas. O CAPU buscou reativar memórias, recolir sonhos e reabrir sorrisos, por meio do incentivo a novos usos e vivências nesse lugar, em comunidade, voltadas para o lazer, socialização e práticas esportivas.

O CAPU recebeu ajuda da própria comunidade na concretização dessa ação. Moradores e moradoras, lideranças locais e crianças e adolescentes ajudaram na limpeza da quadra e na reconstrução e pintura dos muros que a cercam, amparados pelas orientações de um grupo de estudantes do IFG.

Um universo de combinações foi proposto. O coletivo espera pelas novas memórias e histórias que serão construídas e pelo fortalecimento do espírito de coletividade. Também aguarda por mudanças positivas de hábitos locais como introdução de times femininos e ampliação dos usos do espaço para outras modalidades esportivas e jogos lúdicos.







# Passeio auditivo

Elisa Maria Barros Marques



O Passeio Auditivo trata-se de um passeio pelo centro histórico de Goiás, seguindo o caminho feito pela Procissão do Fogaréu, guiado por um mapa demarcado com pontos de parada no percurso, no qual, nesses pontos os participantes ouvem áudios enviados pelos membros do coletivo. Esses áudios trazem outras possibilidades de pensar o centro histórico de Goiás, além do que é registrado em guias turísticos da cidade, possibilitando novas interpretações sobre esse espaço. É uma intervenção interativa que propõem uma nova maneira de relacionar o corpo e a cidade na apreensão espacial.



Composto por 10 estações, em cada ponto era proposta uma análise e reflexão sobre problemáticas, indignações, histórias, memórias, apagamento e importância da mulher na história de OldGoyaz.

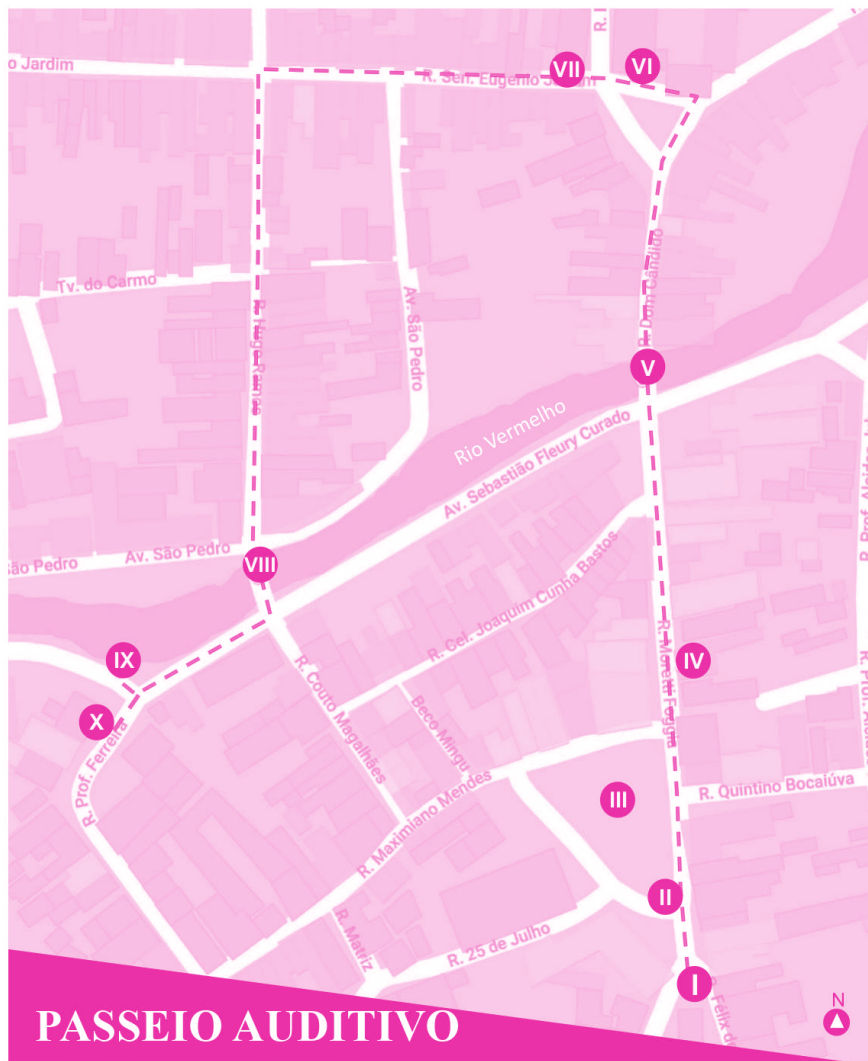
Em uma das estações o áudio pergunta ao participante: Quem é você nesse lugar? Assim, abre possibilidades de quem passeia para refletir sobre o papel de cada



um na construção do espaço urbano, instigando a agir ativamente na criação de novas narrativas, como fazer pedidos ao amarrar uma fita na Ponte da Lapa, escrever palavras no calçamento de pedra e tirar fotos como se estivesse na Grécia. Gratidão, memória, história, resistência, foram algumas das palavras escritas por quem fez o percurso na primeira vez que foi realizado, dando a possibilidade de expressar por meio de palavras o que o passeio despertou, permitindo além de uma interação das pessoas com a cidade e com a intervenção, chamar a atenção para pontos que são comumente despercebidos.

Dessa forma, o Passeio Auditivo busca permitir uma interação extra-cotidiana entre corpo e cidade e, numa tentativa de alternar as relações pré-estabelecidas em um espaço, motiva outras histórias a serem contadas, de forma a afirmar a heterogeneidade presente nos espaços urbanos, principalmente em Sítios Históricos, locais cheios de estigmas e padrões históricos.





## PASSEIO AUDITIVO

- I - Igreja da Boa Morte
- II - Fonte de bronze
- III - Coreto
- IV - Casa dos azulejos
- V - Ponte da Lapa

- VI - Igreja do Rosário
- VII - Calçamento
- VIII - Rio e Mulheres
- IX - A árvore que caiu
- X - IPHAN





fotos realizadas por participantes do passeio auditivo

# Anti-monumento

Maiári Cruz Iasi

A construção de uma memória coletiva é um processo inacabado de seleção e eleição de prioridades em constante disputa. Toda seleção demarca não somente os objetos eleitos, mas também destaca como seu negativo o que ficou à margem. A cidade é, então, ao mesmo tempo, palco e registro dessa querela como parte da materialização da memória e do esquecimento, não sendo nenhuma das duas dimensões isentas de protagonismo humano.

Seguindo esse raciocínio podemos nos questionar o porquê de algumas memórias serem escondidas na cidade. Seriam elas indizíveis, vergonhosas ou tão proibidas a ponto de termos um acordo social tácito para o esquecimento quase completo de um pedaço nada galante de um passado assombroso?

A força na cidade de Goiás foi um pedido do Gov. D. João de Melo à Capitania, juntamente com a formação de uma Junta da Justiça a fim de institucionalizar os castigos dados aos criminosos e por meio do exemplo coibir o crescente índice de criminalidade da época e diminuir as fugas dos condenados à força que precisavam de grandes deslocamentos para seu destino final. Ao que tudo indica, o equipamento público de punição foi instalado em nossa cidade em 1749, ao lado de um cemitério para indigentes e pagãos. Instigar a compreensão dos processos sociais coletivos traumáticos nos processos de apagamento nos ajuda também a entender nossa atual sociedade punitivista. Em 1876, a força foi proibida no Brasil e suas antigas estruturas, carrascos e ritos foram engolidos pelo novo.

Ao pensar sobre isso, o coletivo propôs a instalação de um anti-monumento na antiga praça da força de Goiás/GO, atual praça da Manchorra. O anti-monumento é um balanço, que utiliza-se dos signos da força em sua corda, buscando de forma lúdica lembrar de marcas desagradáveis do nosso passado, não para cultuá-lo, mas para compreender mais a fundo qual tecido social que nos costura nesse tempo histórico e suas malhas ideológicas.

Com a instalação de um equipamento urbano de brincar convidamos a um olhar curioso e transgressor. Olhar esse tão presente nos olhos e corpos de pequenos seres humanos, que ainda não foram tão insistentemente moldados socialmente a obedecer sem primeiramente ver seu entorno como um mundo de infinitas possibilidades de transmutação e ressignificação.



# Tire uma foto com a Cora

Isabella Abdalla Santos



No dia 20 de agosto desse ano foi comemorado 130 anos de Cora Coralina, uma mulher importante de Goiás/GO, que com sua força histórica, atrai para a cidade muitos turistas interessados em sua poesia, que associam diretamente a cidade à imagem da poetisa. Nesse dia, foi inaugurada uma estátua representando-a. A forma em que ela ficou disposta e suas características físicas representadas gerou uma repercussão em toda a cidade e redondezas, sendo destaque nas mídias e causando um alvoroço nas redessociais.



A estátua da Cora passou a ser um ponto de visitação da cidade, e desde então, sempre há turistas e moradores tirando uma foto com ela, cada qual atribuindo um significado a essa ação de acordo com seus interesses e referências.

Por esse fato, o CAPU , buscando ressignificar os símbolos da cidade, elegeu a estátua para protagonizar uma ação. Decidimos tirar fotos das pessoas que passavam ali, para promover uma discussão sobre símbolos, cidade e interpretações de imagens.





Aconteceu em um sábado, no dia 26 de outubro de 2019, por volta das 16h:30min. Colocamos uma câmera em um tripé, em frente à estátua que se localiza em um banco na Ponte da Lapa. Assim, as fotos eram tiradas no local e impressas no Cine Teatro São Joaquim. As fotos impressas foram colocadas em um varal de linha, instalado na cruz do Anhanguera, feito pelo coletivo, numa exposição de fotografias pública para apreciação de quem por ali passava, e as pessoas que tiraram as fotos podiam levá-las para casa, sem nenhum custo.



A estátua de Cora, sendo uma intervenção no espaço urbano promovida pelo poder público, foi um suporte para que pudéssemos realizar uma prática coletiva, em que buscamos ampliar as percepções do já existente. Diferentemente de uma foto no celular que fica guardada em uma nuvem nem sempre acessada, a foto impressa proporciona uma outra relação da pessoa com aquele momento clicado, e o destino desse objeto (um momento materializado no papel) não depende mais da gente. Pode ir para o lixo, para uma gaveta, ficar em uma geladeira, ser dada de presente, mostrada pra família ou colocada em um porta-retrato. Perdemos controle!





# Borracha branca

Victória Regina Farias Brasileiro

Desde os primeiros estudos sobre arte e cidade, o coletivo perpassa por discussões sobre a formação de Goiás/GO, suas tradições, contextos políticos e sociais, buscando compreender a paisagem construída, suas narrativas, barreiras, símbolos, opacidades e invisibilidades. Provocando questionamentos a fim de resgatar histórias, reinterpretar e construir novas narrativas sob uma perspectiva do coletivo, manifestou-se o interesse em desvelar informações sobre a Igreja da Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, construída em 1734 pela Irmandade dos Homens Pretos, demolida em 1934 a pedido do Frei Sebastião Tomaz e reconstruída em um estilo neogótico no ano de 1938.

O edifício em destaque materializa interesses de uma política escravocrata e de aniquilamento da cultura dos povos pretos que expressavam através do sincretismo religioso sua fé naquele território. A demolição e a reconstrução da igreja concretiza o processo de gentrificação do espaço





anteriormente destinado e ocupado por pretos e pretas, escravizados e escravizadas e também forros e forras, dando seguimento ao mecanismo de embranquecimento, modernização e apagamento da memória negra.

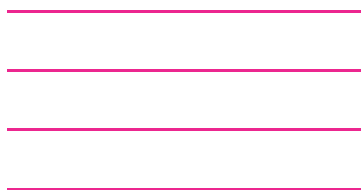
O Coletivo de Ações Poéticas Urbanas propôs, a partir disso, uma intervenção que reverberasse esse apagamento nos moldes de um manifesto literal, que ocorreu no dia 03 de novembro numa ação denominada Borracha Branca. Num primeiro momento, o grupo enfileirou duzentas borrachas brancas escolares na escadaria da igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, representando os duzentos anos em que a igreja construída de taipa e pilão manteve-se naquele espaço. Então, as borrachas foram desgastadas nas pedras com colaboração de transeuntes, em um trabalho incessante de transformá-las em resíduos que ao final foram varridos como os vestígios da história local.





Igreja de Nossa do Rosário dos Pretos  
inauguração: 1734. demolição: 1934

Igreja de Nossa Senhora Rosário  
inauguração: 1938.



@capu\_goyaz

## Ateliê aberto



Ateliê aberto é uma prática onde artistas abrem o seu local de trabalho ao público para mostrar o processo de produção e conversar sobre as práticas realizadas. O CAPU abriu seu ateliê no dia 05 de novembro para um bate-papo e mergulho nas experiências realizadas pelo coletivo até então. Ocupando uma pequena sala no subsolo da Unidade Acadêmica Especial de Ciências Humana da UFG - Regional Goiás, o Coletivo transformou esse local, que estava desocupado, em um espaço vivo de criação, fortalecendo o vínculo entre o grupo, possibilitando também o compartilhamento do lugar com outras pessoas.



## CAPU - Quem somos?

**Ana Vitória Freitas da Silva**, mãe de uma shitszu chamada Sindy, é mais conhecida como Aninha, apelido justificado por seus 1,50 metros de altura. Nascida nos anos 2000, em Itapuranga - Goiás, foi criada de forma nômade parando na cidade de Goiás para estudar Arquitetura e Urbanismo, sonho idealizado pelas frustrações encontradas nas diversas casas resididas, mesmo não sabendo que esse seja o campo que deseja seguir. Leitura é a base de tudo, deseja ter uma mega biblioteca em casa, devora séries diariamente e o resto do tempo só pensa em comer e dormir.

**Elisa Maria Barros Marques**, nasceu em Xinguara no estado do Pará, estudante de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Goiás. Uma paraense que se considera apaixonada por música, arte e literatura e que em 2017 veio se aventurar em terras vilaboenses para buscar além da formação acadêmica, novos conhecimentos sobre cultura e arte. Por ser filha de professores e militantes de esquerda, carrega em sua formação pessoal forte marca política, fator determinante na escolha de suas pesquisas.

**Emiliano Alves de Freitas Nogueira** é tupaciguarense, graduado em arquitetura e Urbanismo (UFU), especialista em Artes Visuais: cultura e criação (SENAC/MG), mestre em Artes (UFU), doutorando em Arte e Cultura Visual (FAV-UFG), professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFG Regional Goiás, cenógrafo, performer, libriano com ascendente em capricórnio, gosta tanto de festa que virou DJ, faz uns desenhos geométricos, está sempre ocupado, já foi Zé Gotinha em campanha de vacinação, odeia café, gosta de uva, cerveja e meia alta cobrindo a canela.

**Izabella Abdalla Santos**, mais conhecida como Abdalla, nasceu em Goiânia e está aprendendo a ser uma universitária vilaboense morando na Cidade de Goiás há quatro anos para cursar Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Goiás. Conhecida por ser animada, prestativa e gostar bastante de sertanejo. Como uma típica libriana não decide nada por ninguém, preferindo agradecer as pessoas.



**Lucas Italo Silva Ribeiro** é filho da divisa e embalado pelas águas do Rio Araguaia, tem o coração dividido entre Alto Araguaia/MT, cidade onde nasceu e, Santa Rita do Araguaia/GO, onde sua família se estabeleceu. Guiado pela intuição goiana, partiu para a sua primeira grande mudança aos 18 anos quando se mudou para a cidade de Goiás. Lá se tornou estudante de Arquitetura e Urbanismo pela UFG e, conheceu de perto os desafios que a vida impõe diariamente, sem deixar de lado o sorriso junto às pessoas maravilhosas que a antiga capital lhe agregou. Músicas e filmes são companheiros constantes na jornada desse virginiano que sonha alto como seu pai, mas que tem os pés firmes no chão como sua mãe.

**Maiári Iasi** é arquiteta, urbanista, estudante de cinema, mãe e comunista. Não necessariamente nessa ordem. Seu interesse por cenografia a levou para arquitetura no início de sua primeira graduação, a fez retornar ao cinema na nova fase e recentemente a induziu em direção a intervenções poéticas urbanas.

**Thiago Lopes Oliveira Santos** é nascido e criado em Itumbiara - Goiás, solteiro, cristão, amém. Escritor nas horas vagas, ainda tenta se encontrar na Arquitetura e no Urbanismo. Ama musculação, livros e séries. Acredita que os sonhos são as asas que a alma quer conquistar e que as melhores respostas se encontram em silêncios afinados. Aluno da Corvinal, não se conforma por sua carta de Hogwarts ter sido extraviada. Se pudesse ser um animal, com certeza seria um pássaro, voando livre no azul infinito. Feito mais de despedidas que chegadas, ainda aguarda pelo dia que baterá asas rumo a um sonho guardado a sete chaves.

**Victória Regina Farias Brasileiro** quando criança queria ser artesã como a avó, professora de arte e dançarina. E foi pela arte; corpo e espaço; o desejo incessante de aprender e de ensinar que escolheu cursar arquitetura e urbanismo. Cresceu rodeada de mulheres fortes que lhe ensinaram tudo, desde a delicadeza dos trabalhos manuais a ser protagonista da própria história e lutar contra o machismo. Acredita que pode abraçar o mundo, que o amor é revolucionário e a felicidade é uma arma quente, como dizia o seu cantor favorito, Belchior. Militante das causas sociais, amiga dos animais e admiradora das noites estreladas de Vila Boa.



## Agradecimentos

Nossos sinceros agradecimentos à Comunidade Vila Lions, Luciano (Caveirinha), Coletivo LAB Grupo de Estudos do IFG, Milton Iasi Thiesen, Arthur Maresca, Edinaldo Lucas (UFG), Karine Oliveira (UFG), José Rodolfo Thiesen (UFG), LABTECS UFG, Etheila Santos (Muban), Ruth Vaz (Muban), Tony Boita (Muban), Unidade Acadêmica Especial de Ciências Humanas UFG Regional Goiás, Camomila Cordeiro (UFG), Guilherme Wisnik, Ivone de Fátima Freitas, Cine Teatro São Joaquim, Gliselda Silveira, Ana Claudia Sousa (FUNAPE), Brenner Nepomuceno (FUNAPE), Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Goiás e a todas e todos que direta ou indiretamente contribuíram para a execução desse projeto.

Realização:



coletivo de ações  
poéticas urbanas

REGIONAL  
GOIÁS



UFG  
UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE GOIÁS

Patrocínio:



CAU/GO Conselho de Arquitetura  
e Urbanismo de Goiás

Apoio:



FUNAPE  
Fundação de Apoio à Pesquisa - UFG

MUSEU DAS  
MUBAN  
BANDEIRAS

Sbm  
sistema brasileiro de museus

ibram  
instituto brasileiro de museus



MUSEU DAS  
MUBAN  
BANDEIRAS  
70 ANOS

10 ANOS  
instituto brasileiro de museus

MINISTÉRIO DA  
CIDADANIA

PÁTRIA AMADA  
BRASIL  
GOVERNO FEDERAL